

PERCEPÇÃO, (RE)AÇÃO E SOBREVIVÊNCIA: A TRÍADE OPERACIONAL SOB A DOCTRINA DA MENTALIDADE PREVENTIVA

DOI: 10.5281/zenodo.19668516

Willis Correia de Lima¹

José Ribamar do Nascimento Júnior²

RESUMO: O presente artigo analisa a atuação do Operador de Segurança Pública a partir da integração entre percepção, (re)ação e sobrevivência, estruturada sob a Doutrina da Mentalidade Preventiva (Visão Além do Alcance). Parte-se da constatação de que, mesmo diante de elevado treinamento técnico, agentes continuam sendo surpreendidos por situações de violência, evidenciando uma lacuna na ênfase tradicional atribuída à reação, em detrimento da percepção como ferramenta estratégica de antecipação do risco. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, fundamentada em revisão bibliográfica, análise doutrinária e relato de experiência. A tríade proposta estabelece uma relação funcional em que a percepção permite a identificação precoce de ameaças, a (re)ação corresponde à resposta técnica diante do confronto — incluindo sua dimensão preventiva —, e a sobrevivência constitui o resultado da integração eficiente dessas capacidades. Evidencia-se que os confrontos ocorrem, majoritariamente, em curta distância e sob elevado estresse, contexto no qual a retenção e a contrarretenção de arma de fogo assumem papel decisivo na preservação da vida. Conclui-se que a sobrevivência do agente está diretamente associada à capacidade de antecipação, ao treinamento realista, à experiência prática e ao controle cognitivo em cenários caóticos, sendo a mentalidade preventiva o principal eixo estruturante para a preservação da vida.

Palavras-chave: Percepção. (Re)ação. Sobrevivência. Retenção de Arma de Fogo. Mentalidade Preventiva.

¹ Sobrevivente da violência urbana. Multiplicador de Segurança do Trabalho e Pós-graduando em Segurança do Trabalho pelo Instituto FACUMINAS, Tecnólogo em Gerência em Segurança de Empreendimentos pela Universidade Potiguar (UnP). Articulista da Revista CIPA e Incêndio (ISSN 2525-8893). Suboficial Veterano da Força Aérea Brasileira, com mais de 20 anos de experiência profissional nas áreas de CIPA, prevenção de acidentes, gestão de riscos, formação técnica e docência aplicada. Mestre em Ciências da Educação pela World University Ecumenical (WUE), com formação doutoral em Ciências da Educação pela mesma instituição, tendo concluído integralmente os créditos curriculares. E-mail: williswcl@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2567-9270>.

² Instrutor de Defesa Pessoal Policial e de Sobrevivência Policial da Polícia Militar do Rio Grande do Norte. Ao longo de sua trajetória já ministrou instruções de retenção e contrarretenção de arma de fogo e defesa pessoal policial para diversas instituições policiais Brasil afora, inclusive para Força Nacional. Atuou também no México – Forças Policiais Mexicanas, Polícia Federal e Guarda Nacional. Um dos idealizadores da doutrina de retenção e contrarretenção de arma de fogo na PMRN. Graduado em Gestão Ambiental e pós-graduando em Educação Ambiental. Graduando de Psicologia.

1 INTRODUÇÃO

A questão da violência é complexa e apresenta-se inserida em um amplo espectro de ações, sejam elas premeditadas ou não. A Organização Mundial da Saúde define a violência como “um grave problema de saúde pública e uma violação dos direitos humanos. Trata-se de um fenômeno complexo que é fortemente influenciado por fatores sociais, ambientais, culturais, econômicos e políticos” (OMS, 2002, p. 3).

O primeiro relato de violência (homicídio) encontra-se registrado no Livro de Gênesis (capítulo 4, versículo 8): “Disse, porém, Caim a seu irmão Abel: ‘Vamos para o campo’. Quando estavam lá, Caim atacou seu irmão Abel e o matou”. A ira gerada pela inveja levou um irmão a cometer um ato afrontoso à vida humana — ceifar a vida de outro —, culminando no fratricídio (Bíblia, Gênesis 4:8, 2008).

Vivemos em um momento em que a violência está banalizada, e, a cada dia, mais notícias são divulgadas constantemente. Onivan Elias de Oliveira (2021) chama a atenção para o fato de que

Vivemos um momento em que a violência se apresenta como algo que faz parte do cotidiano, afetando a sociedade de tal maneira que, ou já fomos vítimas de um crime violento, ou conhecemos alguém que foi, ou pior, temos a desesperadora sensação de que mais cedo ou mais tarde seremos uma vítima (Oliveira, 2021, p. 180).

A atividade de Segurança Pública no Brasil é caracterizada por um cenário de elevada complexidade e exposição ao risco, atingindo agentes das esferas municipal, estadual e federal. A violência urbana impõe desafios constantes, exigindo do profissional não apenas preparo técnico, mas também capacidade de antecipação e de adaptação.

Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2024) indicam que, anualmente, mais de uma centena de agentes de segurança pública são mortos de forma violenta no país, sendo significativa a incidência de ocorrências fora de serviço.

Informações do Ministério da Justiça e Segurança Pública corroboram essa tendência, evidenciando que o risco não se restringe ao ambiente operacional formal. De acordo com o Instituto de Segurança Pública, no ano de 2024, foram registrados:

- ✓ 299 policiais feridos em serviço
- ✓ 372 policiais feridos fora de serviço

Esses números demonstram que o Operador de Segurança Pública (OSP) está continuamente exposto à violência, muitas vezes em situações inesperadas e fora do ambiente institucional.

A análise do cenário contemporâneo da Segurança Pública revela uma contradição operacional relevante: mesmo diante de elevados níveis de treinamento técnico, muitos operadores ainda são surpreendidos por situações de violência, especialmente em contextos fora de serviço e em ambientes urbanos não controlados. Esse fenômeno evidencia uma possível lacuna na formação tradicional, frequentemente centrada na reação ao confronto, em detrimento do desenvolvimento sistemático da percepção como ferramenta de antecipação do risco.

Sob essa perspectiva, torna-se necessário compreender que a maioria dos confrontos reais ocorre em distâncias curtas, com reduzido tempo de resposta e elevada carga de estresse, o que limita a aplicação ideal de técnicas previamente treinadas. Situações dessa natureza evoluem frequentemente para o contato físico direto, em que competências como a retenção e a contrarretenção de arma de fogo assumem papel decisivo na preservação da vida, especialmente quando há tentativa de subtração do armamento por parte do agressor.

Nessa lógica operacional, evidencia-se a necessidade de uma abordagem integrada que não apenas valorize a capacidade de reação, mas priorize a antecipação como elemento central da sobrevivência. A ausência dessa integração pode resultar na inversão do poder letal, colocando o agente em condição de extrema vulnerabilidade. À luz desse cenário, torna-se fundamental a adoção de modelos que priorizem não apenas a reação ao confronto, mas, sobretudo, a antecipação e a prevenção. Frente a isso, propõe-se a análise da tríade operacional percepção, (RE)AÇÃO e sobrevivência como eixo estruturante da atuação em cenários.

Neste estudo, adota-se o termo (RE)AÇÃO para abarcar tanto a resposta a estímulos quanto a capacidade de agir de forma preventiva, antecipando-se à concretização da ameaça, no âmbito da mentalidade operacional orientada à sobrevivência. “Prevenir é perceber antes” (Lima, 2025, p. 83).

Não podemos ser ingênuos. Haverá situações em que, para sobreviver, será preciso lutar [brigar] pela vida e agarrar-se a ela com todas as forças (Pellegrini; Moraes, 2017, p. 31, grifo nosso). “Hoje, aconteça o que acontecer, eu vou vencer! Em uma luta [briga] de vida ou

morte, a pessoa que tiver mais vontade de viver será a que terá maiores chances de vencer [...]”

“E, quando chegar o momento de lutar [brigar] pela sua vida, lembre-se dos motivos que possui para continuar vivo e tenha a consciência de que você fará tudo o que for necessário para sobreviver. [...]” (Pellegrini; Moraes, 2017, p. 31, grifo nosso).

Chris Hedges, jornalista e escritor americano, afirma, em seu livro *What Every Person Should Know About War* (2002), que, nos 3.400 anos de história, os seres humanos viveram relativamente em paz durante apenas 268 anos, ou seja, cerca de 8% da história registrada. Para cada ano em casa, o ser humano dedicou 12 anos ao campo de batalha. Estima-se que cerca de um bilhão de pessoas tenham morrido em guerras ao longo da história registrada.

Chris Hedges (2002) afirma, em sua obra, que não existe um único gene da guerra. No entanto, combinações genéticas podem predispor um indivíduo à violência; entretanto, a agressão é resultado tanto de fatores biológicos quanto ambientais.

A Psicologia Ambiental reforça o que Chris Hedges (2002) apresenta em sua obra, ao estudar a inter-relação entre o ser humano e o ambiente. Dessa forma, o ambiente influencia o comportamento, assim como o comportamento pode influenciar o ambiente. Assim, ao se criar um ambiente de treinamento de sobrevivência urbana voltado para a realidade, e ao se estar inserido nele ao lado de pessoas que compartilham a mesma mentalidade, há tendência de desenvolvimento de um espírito de combate, o que contribui para a melhoria da performance psicofisiológica e influencia diretamente a tomada de decisão.

Esse espírito de combate aflora quando se pratica a autodefesa, se aprendem técnicas eficazes e se adota uma doutrina de combate. Aumenta-se a autoestima e fortalece-se a personalidade, o que, conseqüentemente, contribui para a construção de uma postura de vigilância. Dessa forma, desenvolve-se um estado de alerta em que o indivíduo passa a realizar a leitura corporal das pessoas ao seu redor e do cenário em formação, mantendo-se, assim, preparado para reagir e lutar, caso necessário.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A base conceitual deste estudo encontra respaldo em pensadores clássicos da estratégia e do combate, como o General Sun Tzu (c. 500 a.C.)³ e o General Carl Von Clausewitz (1780 - 1831)⁴, que destacam a importância da antecipação, do conhecimento do ambiente e da preparação para o conflito.

Salomão (970 – 930 a.C.) cita a mentalidade preventiva através da "Sabedoria Ancestral", como um princípio atemporal, já conhecido há milênios, quando alertou "O prudente vê o perigo e esconde-se; mas os simples passam adiante e sofrem as consequências", Livro de Provérbios (27.12). De forma milenar, o Rei Salomão estabelece que a antecipação é superior à reação tardia – exatamente o núcleo da mentalidade preventiva no viés operacional (Bíblia, Provérbios 27:12, 2008)

No contexto contemporâneo e nacional, destacam-se as contribuições do Humberto Wendling Simões de Oliveira (2018), do Onivan Elias de Oliveira (2021) e dos Marcel Pellegrini e Edimar Moraes (2017), cujas obras abordam a sobrevivência em situações de risco e a tomada de decisão em cenários críticos.

Instituições como o FBI reforçam a relevância da consciência situacional como elemento central na prevenção de ameaças.

A Doutrina da Mentalidade Preventiva propõe que “A melhor reação é aquela que se torna desnecessária pela capacidade de perceber antecipadamente o risco.” (Lima, 2025, p. 82)

3 METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza aplicada, com objetivos exploratórios e descritivos.

Foram utilizados os seguintes procedimentos: revisão bibliográfica, análise doutrinária e relato de experiência do autor.

³ Sun Tzu foi um renomado general, estrategista militar e filósofo chinês, tradicionalmente reconhecido como o autor de *A Arte da Guerra*. Ele defendia que a melhor vitória é vencer sem lutar, utilizando inteligência, planejamento e adaptação (Frazão, 2022).

⁴ Carl von Clausewitz foi um general, teórico militar e pensador prussiano, amplamente considerado um dos maiores estrategistas da história ocidental. Autor da obra seminal *Da Guerra (Vom Kriege)*, é famoso pela definição de que "a guerra é a continuação da política por outros meios", destacando o papel estratégico e político do conflito, não apenas o militar (Franchi; Moita, 2021).

Além disso, utilizou-se apoio de ferramentas de Inteligência Artificial, como o *ChatGPT*, para organização, estruturação e revisão do conteúdo.

A triangulação entre referencial teórico, análise doutrinária e experiência empírica permitiu maior robustez interpretativa aos achados do estudo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Estrutura da Tríade Operacional

A análise dos dados e da literatura permitiu estruturar a seguinte sequência lógica:

PERCEPÇÃO → (RE)AÇÃO → SOBREVIVÊNCIA

Essa estrutura evidencia que a sobrevivência não é resultado exclusivo da reação, mas consequência direta da qualidade da percepção associada à eficiência da resposta.

4.2 Percepção

A percepção constitui o pilar fundamental da Mentalidade Preventiva, sendo responsável pela identificação antecipada de ameaças, leitura do ambiente e tomada de decisão prévia ao confronto. Essa habilidade envolve a rápida interpretação do ambiente e das intenções de uma ameaça, o que pode fazer toda a diferença entre evitar um confronto ou ser surpreendido por ele.

A antecipação aos movimentos do agressor permite o escape de situações que envolvam riscos e, se necessário, o uso da força necessária para neutralizar ou interromper uma ameaça.

4.3 Reação

A reação corresponde à resposta técnica diante de uma ameaça concreta, devendo ser executada com base em treinamento, controle emocional e capacidade de adaptação.

4.4 Sobrevivência Urbana (SobvUrb)

A sobrevivência urbana refere-se à capacidade do agente de preservar sua integridade física em ambientes não controlados, especialmente fora do serviço.

Caracteriza-se por:

- ✓ imprevisibilidade
- ✓ proximidade do agressor
- ✓ ausência de apoio imediato
- ✓ presença de fatores emocionais e familiares

O veterano do Departamento de Polícia de San Diego/USA, Sanford Strong (2000), nos alerta que “A **vantagem** de se estar **mentalmente preparado** para garantir a **sobrevivência** é que isto lhe dará condições de agir e se defender” (Strong, 2000, prefácio VIII, grifo nosso).

A Tríade Operacional está representada no Infográfico - Figura 1.

Figura 1 – Representação da Tríade Operacional.



Fonte: Elaborado pelo autor com uso de Inteligência Artificial (2026)

4.4.1 Retenção e Contrarretenção de Arma de Fogo (RCA)

A retenção de arma de fogo consiste na capacidade de impedir a subtração do armamento, enquanto a contrarretenção refere-se à capacidade de recuperar o controle em situação de disputa.

A retenção é uma técnica lapidada pelo mestre Luiz Charneski, que consiste em proteger e manter o armamento por meio de movimentos dinâmicos, explosivos e eficazes. Tem ênfase no embate corpo a corpo e tem como objetivo a sobrevivência do Operador de Segurança Pública.

4.4.2 Retenção e Contrarretenção como Ferramenta da Reação na SobvUrb

No contexto da Sobrevivência Urbana, a retenção e a contrarretenção (RCA) configuram-se como ferramentas técnicas inseridas no campo da reação, sendo aplicadas em situações de curta distância e contato físico direto.

Sua função é manter o controle do armamento em momentos críticos, evitando a inversão do poder letal.

“Na Sobrevivência Urbana, a retenção não é opção — é a barreira entre o controle e a morte.” (Lima, 2025, p. 82)

A consolidação dessa competência no contexto da sobrevivência urbana pode ser simbolicamente representada conforme a Figura 2.

Figura 2 – Distintivo representativo da competência operacional de retenção e contrarretenção de arma de fogo.



Fonte: Elaborado pelo autor com uso de Inteligência Artificial (2026).

4.4.3 Desenvolvimento da Retenção e Contrarretenção no Contexto Brasileiro e Estadual

A retenção e a contrarretenção de arma de fogo (RCA), enquanto competências técnicas necessárias à sobrevivência em confrontos de curta distância, têm sido progressivamente desenvolvidas no Brasil a partir da integração entre conhecimentos, habilidades e atitudes oriundos do tiro defensivo, do combate corpo a corpo e das artes marciais.

No cenário nacional, destaca-se a contribuição do instrutor Luiz Charneski⁵, reconhecido mundialmente pela difusão de métodos voltados à retenção de armamento em situações de contato físico, com ênfase na aplicação prática em ambientes de risco real. Sua atuação contribuiu para a consolidação da RCA como conteúdo relevante na formação de Operadores de Segurança Pública, bem como, aos cidadãos possuidores de armas de fogo previstos na legislação vigente⁶ no país.

No contexto do Estado do Rio Grande do Norte, observa-se a presença de importantes referências operacionais que contribuíram para a disseminação e fortalecimento dessa competência. Dentre eles, destaca-se o Subtenente da Polícia Militar do Rio Grande do Norte (PMRN) Vinícius Aragão⁷ (*in memoriam*), cuja trajetória foi marcada pelo comprometimento com a instrução e o desenvolvimento técnico no âmbito da Segurança Pública.

⁵ Nascido em 1978 na cidade de Curitiba (PR). Praticante de arte marcial há mais de 25 anos. Formado faixa preta em Muay Thai pelo mestre José "Pelé" Landi-Jons há mais de 15 anos. Hoje atua na área de instrução em defesa policial, mais especificamente na área de Retenção e Contrarretenção da arma de fogo. Em 2017 trouxe toda a sua experiência da arte marcial para um novo conceito de defesa pessoal policial. Nestes "longos" 3 anos, por assim dizer, muita coisa aconteceu, zerou 25 dos 27 estados da nossa Federação, passando pelas maiores e mais atuantes unidades da polícia brasileira, onde ganhou diversos prêmios e moções honrosas. Seu treinamento foi o divisor de águas na matéria defesa pessoal policial. Hoje Luiz Charneski é a maior autoridade do segmento do país e referência internacional (Charneski, 2020).

⁶ Lei nº 10.826/2003, conhecida como Estatuto do Desarmamento e Decreto nº 11.615/2023.

⁷ Agente de Segurança Pública. Faixa Preta em Jiu-jitsu 1 Grau. WOLF HUNTER formado pelo ESPERANDIO TACTICAL CONCEPT - ETC. Instrutor de Técnicas Avançadas e Instrutor de Armamento e Tiro formado pelo CENTRO DE INSTRUÇÕES E TÉCNICAS AVANÇADAS - CITE. Instrutor de Retenção e Contrarretenção formado pela CHARNESKI AGOGÊ TRAINING. Instrutor da HIGH DEFENSE TACTICAL TRAINING. Instrutor de Retenção e Contrarretenção de armas de fogo e Combate com Pistola. Instrutor de Imobilizações Táticas e uso de Algemas. Instrutor de Combate de Porte Velado. Instrutor de Operador de Pistola, Módulo: Sobrevivência Urbana. Instrutor de defesa pessoal feminina

Somam-se a esse cenário os instrutores Eduardo Araújo⁸ e o 3º Sargento PMRN J. Nascimento⁹, ambos faixas pretas de jiu-jitsu e instrutores de Armamento e Tiro, que atuam na difusão de técnicas de controle, domínio e retenção de armamento, integrando princípios do combate corpo a corpo à realidade operacional policial.

A presença desses profissionais evidencia que a retenção e a contrarretenção de arma de fogo não se limita a uma técnica isolada, mas constitui uma competência interdisciplinar, construída a partir da convergência entre doutrina, experiência prática e treinamento contínuo.

Nesse sentido, a RCA insere-se de forma consistente no campo da reação dentro da Tríade Operacional, reforçando sua importância como ferramenta essencial à sobrevivência em ambientes urbanos de alta imprevisibilidade.

Lima (2025, p. 83) destaca que “O desenvolvimento da RCA no Brasil demonstra que a adaptação de técnicas ao contexto real é fator determinante para a eficácia operacional e preservação da vida.”

4.5 Estudo de Caso: Aplicação da Tríade em Situação Real

A aplicação prática da tríade pode ser observada no evento ocorrido em 28 de setembro de 2021, em Parnamirim (RN), envolvendo o autor.

À época, com 52 anos e sem histórico anterior de enfrentamento com violência urbana, o autor foi surpreendido por uma tentativa de assalto.

Segundo o Agora RN¹⁰, a ocorrência evoluiu para luta corporal. O agressor apresentava vantagem física e técnica: mais jovem, mais forte, mais alto e com conhecimentos de jiu-jitsu.

O autor, por sua vez, possuía conhecimentos de Combate Velado, Instrutor de Tiro e Armamento e experiência prévia em judô e cursos operacionais¹¹ realizados ao longo dos mais de trinta anos servidos à Força Aérea Brasileira, o que contribuiu para sua capacidade de resistência no confronto.

⁸ É especialista na área de Segurança Privada, Faixa Preta de Jiu-Jitsu 3º Grau, instrutor de Armamento e Tiro, Instrutor de Imobilizações Táticas e uso de Algemas, Instrutor de técnicas de Retenção e Contrarretenção de armas de fogo, instrutor de Defesa Pessoal.

⁹ É Instrutor de Armamento e Tiro e de Defesa Pessoal, reconhecido como referência em Técnicas de Retenção e Contrarretenção de arma de fogo.

¹⁰ O Grupo AgoraRN é uma referência em comunicação no Rio Grande do Norte, composto por três empresas distintas que atuam em diferentes áreas da mídia e comunicação

¹¹ Destacam-se os seguintes cursos: Operações Especiais com Explosivos, Operações com Cães, Estágio de Polícia de Aeronáutica, Segurança Pessoal de Personalidades, Vip Protection, Tiro Defensivo, Abordagem Policial, Imobilizações Táticas, Resgate em Combate, Socorro Pré-Hospitalar Militar, Instrutor em APH, Instrutor STOP THE BLEED®, dentre outros.

Durante o combate, houve intensa disputa corporal, sendo o autor alvejado por dois tiros de arma de fogo (revólver .38), de um total de cinco disparos efetuados pelo agressor.

Mesmo sem treinamento específico em retenção e contrarretenção, a situação evidenciou a importância crítica dessa competência, cuja ausência impactou diretamente o desenvolvimento do embate.

Destaca-se, ainda, que a vontade de viver, impulsionada pela família e pela fé em Deus Pai, constituiu fator decisivo para a sobrevivência.

O caso evidencia que:

- ✓ o confronto real é imprevisível
- ✓ a técnica influencia, mas não é o único fator
- ✓ o componente psicológico é determinante
- ✓ a ausência de competências específicas pode alterar o desfecho

“No confronto real, a técnica sustenta o corpo, mas é a vontade de viver que sustenta a vida” (Lima, 2025, p. 82).

4.6 Síntese Analítica

A tríade demonstra que:

- ✓ percepção reduz a necessidade de confronto
- ✓ reação responde ao inevitável
- ✓ sobrevivência é o objetivo final

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permite afirmar que a sobrevivência do Operador de Segurança Pública, no contexto contemporâneo, não pode ser compreendida como resultado exclusivo da capacidade de reação diante do perigo. Trata-se, sobretudo, de um fenômeno multifatorial que envolve dimensões cognitivas, comportamentais e operacionais, exigindo uma abordagem integrada orientada pela antecipação do risco.

A problematização inicial evidenciou uma lacuna relevante nos modelos tradicionais de formação, historicamente centrados na resposta ao confronto, em detrimento do desenvolvimento sistemático da percepção como ferramenta estratégica. Essa limitação contribuiu para que agentes, mesmo tecnicamente preparados, sejam surpreendidos por

situações de violência, especialmente em ambientes urbanos não controlados e fora de serviço.

Nesse contexto, a tríade operacional — percepção, (re)ação e sobrevivência — apresenta-se como um modelo funcional capaz de reorganizar a lógica da atuação profissional. A percepção atua como elemento antecipador e mitigador de riscos; a (re)ação responde ao inevitável, incorporando tanto a resposta técnica quanto a ação preventiva; e a sobrevivência emerge como resultado da integração eficiente dessas capacidades em cenários de alta complexidade.

Os achados indicam que a maioria dos confrontos ocorre em curta distância, sob elevada pressão e com reduzido tempo de decisão, o que reforça a importância de competências específicas como a retenção e a contrarretenção de arma de fogo, essenciais para evitar a inversão do poder letal. Nesse sentido, a consolidação da RCA no contexto brasileiro evidencia a necessidade de constante adaptação das técnicas à realidade operacional.

A Mentalidade Preventiva consolida-se, portanto, como eixo estruturante da atuação ao estabelecer a antecipação como princípio central da sobrevivência. Não se trata apenas de reagir com eficiência, mas de perceber precocemente, reduzindo — ou até eliminando — a necessidade do confronto.

O estudo de caso apresentado reforça empiricamente essa compreensão ao demonstrar que, mesmo diante de preparo técnico, o confronto real permanece sujeito a variáveis imprevisíveis. Assim, a experiência prática não apenas valida a importância da reação, mas também confirma a superioridade estratégica da percepção.

Conclui-se que a sobrevivência do agente está diretamente associada à integração entre percepção qualificada, domínio técnico, controle emocional e treinamento realista, sendo potencializada pela incorporação de competências específicas e pela adoção de uma mentalidade orientada à prevenção.

“Sobrevive melhor não quem reage mais rápido, mas quem percebe primeiro.” (Lima, 2025, 83)

“A superioridade operacional não está na intensidade da resposta, mas na capacidade de evitar a necessidade dela.” (Lima, 2025, 83)

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Eduardo (@eduardoaraujorn). **Perfil oficial no Instagram**. [S. l.], [2026]. Disponível em: <https://www.instagram.com/eduardoaraujorn>. Acesso em: 6 mar. 2026.

BRASIL. **Lei nº 10.826, de 22 de dezembro de 2003**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.826compilado.htm. Acesso em: 5 mar. 2026.

BRASIL. **Decreto nº 11.615, de 21 de julho de 2023**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-n-11.615-de-21-de-julho-de-2023-498136902>. Acesso em: 5 mar. 2026.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

CHARNESKI, Luiz. Retenção e contrarretenção online. **Hotmart**, 2020. Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/marketplace/produtos/retencao-e-contrarretencao-online/N42184600W>. Acesso em: 5 mar. 2026.

FRANCHI, Tássio; MOITA, Sandro Teixeira. Os saberes da guerra: o pensamento de Carl von Clausewitz no Brasil (1990-2019). **Revista da Escola de Guerra Naval**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 91–120, jan./abr. 2021.

FRAZÃO, Dilva. Sun Tzu. **eBiografia**, 2022 Disponível em: https://www.ebiografia.com/sun_tzu/. Acesso em: 5 mar. 2026.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2024/07/anuario-2024.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2026.

HEDGES, Chris. **What every person should know about war**. New York: Free Press, 2002.

LIMA, Willis Correia de. Percepção de riscos. In: **Revista CIPA: Caderno Informativo de Prevenção de Acidentes**. São Paulo: Casa Nova, ano 42, n. 489, p. 82-83, 2020.

LIMA, Willis Correia de. Prevenção ativa: uma visão além do alcance. In: **Revista CIPA e Incêndio**. São Paulo: Casa Nova, n. 521, p. 80-82, 2025.

MILITAR baleado em Parnamirim continua internado. **Agora RN**, Natal, 11 abr. 2024. Disponível em: <https://agorarn.com.br/ultimas/militar-baleado-em-parnamirim-continua-internado/>. Acesso em: 28 mar. 2026.

NASCIMENTO, J. (@instrutor_jnascimento). **Perfil oficial no Instagram**. [S. l.], [2026]. Disponível em: https://www.instagram.com/instrutor_jnascimento. Acesso em: 6 mar. 2026.

OLIVEIRA, Humberto Wendling Simões de. **Sobrevivência policial**: morrer não faz parte do plano. Uberlândia: Edição do autor, 2018.

OLIVEIRA, Onivan Elias de. **É um assalto! E se eu reagir?**: um guia de sobrevivência. João Pessoa: Ideia, 2021.

OPENAI. *ChatGPT (modelo GPT-5)*. Disponível em: <<https://chat.openai.com>>. Acesso em: 2 abr. 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: OMS, 2002.

PELLEGRINI, Marcel; MORAES, Edimar. **Tiro de combate**: pistola – fundamentos e habilidades. São Paulo: Millennium, 2017.

SATO, Cláudio. Lutas e brigas. **Nova Escola**, 2022. Disponível em: https://cdn.novaescola.org.br/planosdeaula/content/EDF4_012LUT01-lutas-e-brigas-x83h5o1tkp.pdf. Acesso em: 2 abr. 2026.